

A cruz dos cristãos representa a interseção da linha vertical e da horizontal, simbolizando a interseção do divino e do terreno. Marion Woodman vê na poética expressão de T. S. Eliot, “a interseção do momento intemporal”, uma imagem que representa a vida como um colar feito de momentos nos quais o divino e o humano se cruzam.¹⁴ A crucificação ocorreu ao meio-dia, quando o Sol, como símbolo da consciência, estava no zênite. Isto sugere que a consciência é uma condição necessária para a conciliação dos opostos, parte tão essencial do processo de individuação.

3) Pelo sofrimento

Segundo uma história hassídica, vários judeus piedosos interrogaram certa vez o seu rabi a respeito da passagem da Tora que expõe o credo fundamental dos judeus, o *Shema*:

Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus, o Senhor é o único Senhor; e amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma, e com toda a tua força. E estas palavras que eu hoje te ordeno estarão sobre o teu coração; e as ensinarás diligentemente a teus filhos, e delas falarás quando sentares em tua casa e quando andares pelo caminho, e quando deitares, e quando levatares. E tu as manterás como um sinal sobre a tua mão e elas estarão como faixas entre os teus olhos. E tu as escreverás nos umbrais das portas de tua casa e em teus portões.¹⁵

Os judeus perguntaram: “*Rebbe, Rebbe*, por que está escrito que essas palavras estarão *sobre* o teu coração? Por que não antes *dentro* do teu coração?”

Replicou o rabi: “Porque não está no poder do homem colocar estas palavras dentro do seu coração. Tudo o que podemos fazer é estendê-las sobre o nosso coração de modo que, quando ele se partir, elas possam cair dentro dele.”

Jung transmite esta mesma idéia em seu comentário, anteriormente anotado, de que a experiência do Self é sempre uma derrota para o ego.¹⁶ Ou, como diz o Salmo: “O Senhor está próximo daqueles que têm um coração partido; e salva os que têm um espírito contrito.”¹⁷ E: “Os sacrifícios de Deus são um espírito partido: um coração humilde e contrito, ó Deus, tu não desprezarás.”¹⁸

Isaías se refere a Deus como habitando “no lugar elevado e santo, e com ele também aquele que é de um espírito contrito e humilde, para revivificar o espírito dos humildes e revivificar o coração dos contritos”.¹⁹ Evidentemente, o arquétipo da totalidade é disposto à maneira de uma constelação em resposta a circunstâncias adversas. Quanto a isto, Jung gostava de citar Hölderlin: “Onde existe perigo cresce também a força salvadora.”²⁰

Maria e Marta, introvertido e extrovertido: O valor da subjetividade

Em Lucas 10:38, conta-se que Marta convidara Jesus e seus discípulos à sua casa:

E ela tinha uma irmã chamada Maria, que se sentou aos pés do Senhor e ouvia o seu ensinamento. Porém Marta estava perturbada por muito serviço; e ela foi a ele e disse: “Senhor, não te importa que minha irmã deixe que eu sirva sozinha? Diga-lhe que me ajude.” Mas o Senhor lhe respondeu: “Marta, Marta, estás ansiosa e perturbada com muitas coisas; só uma coisa é necessária. Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada.” (RSV)

William Blake distingue dois tipos de homens: “os produtivos” e “os devoradores”.²¹ Se interpretarmos Marta e Maria como representantes de dois lados de uma única personalidade, Marta corresponderia ao produtivo, ao lado ativo ou extrovertido, e Maria ao devorador, ao lado receptivo ou introvertido.

Podemos interpretar esta passagem bíblica como uma compensação pela nossa tendência (provavelmente mais forte hoje que em tempos passados) para enfatizar a ação e o fazer (Marta) em detrimento do ser e do contemplar (Maria). Contrariando esta atitude coletiva (com a qual, hoje, até a Igreja é conivente), Cristo declara que Maria, a mais introvertida (leia-se “subjetiva”), escolheu a boa parte.

Há quem possa se admirar por Cristo não ter dado maior apoio a Marta. Numa interpretação psicológica, estava Cristo enfatizando que nada, nem mesmo a hospitalidade, nem mesmo uma demonstração de